

João Bernardo Marques Roxo

A INFLUÊNCIA DO ESTILO DE VINCULAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA PSICOPATIA

Uma Revisão Sistemática

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Área de Especialização em Psicoterapia
Psicodinâmica

COIMBRA, 2026



A Influência do Estilo de Vinculação no Desenvolvimento da Psicopatia

Uma Revisão Sistemática

JOÃO BERNARDO MARQUES ROXO

Dissertação Apresentada ao Instituto Superior Miguel Torga para Obtenção do Grau de
Mestre em Psicologia Clínica, área de especialização em Psicoterapia Psicodinâmica

Orientadora: Professora Doutora Joana Becker

Membros do júri:

Presidente: Professor Doutor

Arguente: Professor Doutor

Coimbra, março de 2026.

Agradecimentos

A concretização desta dissertação representa o culminar de um percurso exigente, marcado por diversos desafios académicos, crescimento pessoal e momentos de profunda reflexão. Mais do que um trabalho científico, este projeto simboliza uma etapa de maturidade, resiliência e superação. Nenhuma meta desta dimensão se alcança isoladamente e, por isso, este espaço é dedicado a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, fizeram parte deste caminho.

À professora doutora Joana Becker deixo uma palavra de reconhecimento sincero pela orientação rigorosa, pela exigência construtiva e pela confiança demonstrada ao longo de todo o processo. A sua capacidade crítica e o seu acompanhamento atento foram fundamentais para a qualidade e solidez deste trabalho. Foi uma honra poder desenvolver esta dissertação sob a sua orientação.

À minha mãe, Filomena, agradeço de forma muito especial. Obrigado por seres um exemplo diário de força, ética e integridade. A tua dedicação ao trabalho, o teu sentido de responsabilidade e o teu compromisso inabalável com aquilo em que acreditas ensinaram-me mais do que qualquer livro. És amor na forma mais genuína, firme e estruturada; presença constante, exigência construtiva e apoio incondicional. Levo comigo todos os valores que me transmitiste e a disciplina que sempre demonstraste.

Ao meu pai, Paulo, agradeço todo o apoio, por vezes silencioso, a estabilidade e os princípios que sempre fez questão de me inculcar. Obrigado pela confiança, pela serenidade nos momentos mais desafiantes e por me lembrares, mesmo sem palavras da importância da honestidade e coerência. O teu exemplo acompanha-me em cada decisão.

Ao meu irmão Tiago, obrigado pela cumplicidade e pela presença constante ao longo da vida. Ver-te crescer e crescer contigo é um privilégio que levo comigo em qualquer etapa.

À minha avó Alice, que é a raiz que me sustenta, deixo um agradecimento profundamente sentido. Obrigado pelo carinho constante, pela sabedoria e pelo orgulho que sempre me demonstraste em cada passo que dei. Obrigado por viveres comigo os momentos de maior stress, por me tranquilizares quando a pressão parecia maior do que eu e, acima de tudo, por me fazeres rir mesmo nos dias mais difíceis. Contigo aprendi que o humor também é uma forma de força, e foi ao teu lado que percebi onde nasce o meu. A tua presença é conforto, equilíbrio e segurança que levo comigo em tudo o que faço.

À minha avó Licínia e ao meu avô António, agradeço o amor, os ensinamentos e os valores que me ajudaram a construir quem sou hoje. São parte essencial da minha história e da

minha formação como pessoa.

Aos meus gatos Sakura, Freak e Pirata, companheiros de quatro patas silenciosos deste percurso, deixo também uma palavra especial. Foram companhia de história ao longo deste percurso, presença constante nos dias de trabalho e tranquilidade nos momentos mais exigentes.

Ao Daniel, o meu melhor amigo, o meu porto seguro e o meu companheiro de casa, deixo um agradecimento que dificilmente cabe em palavras. Obrigado por estares comigo de forma incansável, todos os dias, nas conquistas e nas fases menos leves. Obrigado por acolheres as minhas inquietações, por suportares o meu cansaço acumulado, por estares presente nos momentos de maior pressão e, ainda assim, conseguires transformar o peso em leveza.

Às minhas melhores amigas, Inês, Joana e Maria, agradeço a lealdade inquestionável e a amizade que nunca vacila. Obrigado pelas conversas que organizaram o caos, pela capacidade de transformarem dias difíceis em momentos leves e por terem sido refúgio nos momentos de maior pressão. Foram e são o meu porto seguro, dentro e fora de qualquer etapa académica.

À Margarida, Cindy, Barbara, Leonor e Carlos, agradeço a partilha académica, o espírito de equipa e entreajuda que marcaram esta caminhada.

Esta dissertação é o resultado de esforço, mas também da rede de afetos, valores e presenças que me sustentam.

Este ciclo encerra-se aqui, mas tudo o que me deram seguirá comigo nos caminhos que ainda estão por escrever.

Obrigado por fazerem parte desta história.

Resumo

A psicopatia é um construto amplamente estudado na psicologia e na psiquiatria forense, caracterizado por traços interpessoais, afetivos e comportamentais como instabilidade emocional, manipulação e comportamentos antissociais persistentes. A complexidade deste fenómeno reside não só na sua expressão clínica, mas também nas implicações sociais e jurídicas que acarreta. A teoria da vinculação oferece um enquadramento conceptual pertinente para compreender de que forma as experiências relacionais precoces poderão influenciar a organização emocional e interpessoal associada à psicopatia. O presente estudo teve como objetivo analisar, através de uma revisão sistemática da literatura, a relação entre os estilos de vinculação e o desenvolvimento da psicopatia e manifestação de traços psicopáticos, procurando identificar padrões consistentes que contribuam para uma melhor compreensão etiológica do construto. Para tal, foram consultadas as bases de dados ScienceDirect, EBSCO, PubMed e APA PsycArticles. O descritor utilizado na pesquisa foi “attachment theory and psychopathy”. Inicialmente, foram identificados 513 artigos. Após a leitura dos títulos e resumos e a exclusão dos duplicados, 35 estudos foram selecionados para análise. Os resultados sugerem a existência de associações entre padrões de vinculação inseguros e manifestação de traços psicopáticos, destacando a importância das experiências relacionais precoces no desenvolvimento de padrões emocionais e interpessoais disfuncionais. Estes resultados contribuem para uma melhor compreensão da etiologia da psicopatia e reforçam a relevância da teoria da vinculação como enquadramento explicativo neste domínio.

Palavras-chave: Psicopatia, vinculação, teoria da vinculação, revisão sistemática

Abstract

Psychopathy is a widely studied construct in psychology and forensic psychiatry, characterized by interpersonal, affective, and behavioral traits such as emotional instability, manipulation, and persistent antisocial behaviors. The complexity of this phenomenon lies not only in its clinical expression but also in the social and legal implications it entails. Attachment theory offers a relevant conceptual framework for understanding how early relational experiences may influence the emotional and interpersonal organization associated with psychopathy. The present study aimed to analyze, through a systematic literature review, the relationship between attachment styles and both the development of psychopathy and the manifestation of psychopathic traits, seeking to identify consistent patterns that contribute to a better etiological understanding of the construct. To this end, the databases ScienceDirect, EBSCO, PubMed, and APA PsycArticles were consulted. The search term used was “attachment theory and psychopathy.” Initially, 513 articles were identified. After reviewing the titles and abstracts and excluding duplicates, 35 studies were selected for analysis. The results suggest the existence of associations between insecure attachment patterns and the manifestation of psychopathic traits, highlighting the importance of early relational experiences in the development of dysfunctional emotional and interpersonal patterns. These findings contribute to a better understanding of the etiology of psychopathy and reinforce the relevance of attachment theory as an explanatory framework in this field.

Keywords: Psychopathy, attachment, attachment theory, systematic review

Introdução

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais (DSM-5), a Perturbação de Personalidade Antissocial (PPA) (F60.2) é caracterizada por um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos dos outros, impulsividade, agressividade, irritabilidade, ausência de remorso ou empatia, falha no ajustamento às normas sociais, tendência para a falsidade, incapacidade de planejar o futuro, desrespeito pela segurança dos outros e irresponsabilidade reiterada, o que resulta num impacto social e pessoal significativo (American Psychiatric Association, 2023).

De acordo com Gabbard (2014), os indivíduos com PPA são provavelmente os mais estudados entre aqueles com perturbações de personalidade; no entanto, são também os pacientes que os clínicos mais costumam evitar. Em contexto terapêutico, estes pacientes podem facilmente mentir, roubar, enganar, ameaçar ou agir de qualquer outro modo irresponsável e desonesto.

Segundo Pires et al. (2017), indivíduos com PPA são caracterizados por uma falha ao nível da empatia, apresentando tendência para a insensibilidade e para o desprezo pelos sentimentos, direitos e até pelo sofrimento dos outros. Podem muitas vezes demonstrar uma autoestima completamente exacerbada, sendo inconvenientes, opinativos e presunçosos/pretensiosos, além de exibirem um certo encanto superficial. Este tipo de características emerge, com frequência, na população prisional. São indivíduos que evidenciam um padrão de irresponsabilidade que se espelha na forma como se aproveitam dos outros.

Embora a PPA constitua a categoria diagnóstica formalmente reconhecida, a literatura científica recorre frequentemente ao conceito de psicopatia ou de traços psicopáticos para descrever um conjunto mais específico de características interpessoais, afetivas e comportamentais, que incluem jovens e adultos com comportamentos antissociais (Pires et al., 2017).

Conforme o Modelo Triárquico da Psicopatia, este construto é dividido em três dimensões distintas, mas interligadas: a desinibição (*desinhibition*), crueldade ou maldade (*meanness*) e audácia (*boldness*). A desinibição refere-se a uma propensão geral para problemas relacionados com o controlo de impulsos, incluindo baixa ou inexistente monitorização comportamental, urgência impaciente, falta de restrição, incapacidade de planejar o futuro, baixa tolerância à frustração, agressão reativa, dificuldades na regulação afetiva e maior suscetibilidade ao consumo de substâncias. A crueldade/maldade engloba tendências para a insensibilidade e ausência de empatia, vinculação emocional superficial, formas instrumentais

ou até predatórias de agressão, exploratividade, destrutividade e crueldade determinada. Por fim, a audácia envolve domínio social, autoconfiança, resiliência perante eventos stressantes, prazer em atividades que envolvam incerteza ou até mesmo risco e capacidade de manter a calma em momentos de ameaça ou pressão. Estas três dimensões englobam não apenas comportamentos antissociais, mas também características afetivas e interpessoais que não são plenamente descritas pelos critérios formais da PPA. (Venables et al., 2014).

Os critérios do DSM para a PPA focam-se acima de tudo em diversos comportamentos observáveis da violação das regras sociais e dos direitos dos outros, como a impulsividade, a agressividade e a irresponsabilidade. No entanto, a psicopatia inclui traços interpessoais e emocionais adicionais, como a manipulação, o charme superficial e a insensibilidade emocional (Venables et al., 2014). Deste modo, os estudos sobre psicopatia ou traços psicopáticos permitem investigar não só comportamentos antissociais, mas também as dinâmicas afetivas e relacionais que são centrais para compreender o impacto dos estilos de vinculação na formação da personalidade.

No âmbito da investigação sobre psicopatia, tem-se verificado que os traços psicopáticos não constituem um construto homogêneo, podendo ser diferenciados em subtipos com origens e características distintas. A psicopatia pode, assim, ser distinguida em primária e secundária, refletindo diferentes origens e padrões comportamentais. A psicopatia primária caracteriza-se por défices afetivos congénitos, incluindo a insensibilidade emocional, ausência de empatia e de remorsos, sendo frequentemente associada a comportamentos manipulativos e a um estilo de vida calculista e desapegado. Este tipo de psicopatia parece menos influenciado por fatores ambientais, estando mais relacionado com causas biológicas ou genéticas. Em contraste, a psicopatia secundária tende a emergir em contextos de adversidade precoce, como abuso parental, rejeição ou traumas na infância, que promovem uma elevada reatividade emocional, impulsividade e comportamentos antissociais. Indivíduos com psicopatia secundária apresentam dificuldades em planear a longo prazo e maior instabilidade emocional. Assim, enquanto a psicopatia primária reflete essencialmente uma vulnerabilidade afetiva inata, a psicopatia secundária evidencia uma combinação de fatores ambientais adversos e respostas emocionais desreguladas, sugerindo que os traços psicopáticos constituem um construto heterogêneo, com diferentes implicações para o desenvolvimento interpessoal e afetivo (Kyranides & Neofytou, 2021).

Apesar de nem todos os indivíduos diagnosticados com PPA apresentarem traços psicopáticos completos, a investigação sobre a psicopatia revela-se essencial para compreender

a variabilidade clínica que existe dentro desta perturbação. O estudo de Venables et al. (2014) demonstra que, embora a PPA se foque principalmente nos padrões de desinibição e comportamentos antissociais observáveis, apenas uma parte dos indivíduos com PPA apresenta traços afetivo-interpessoais típicos da psicopatia.

Neste contexto, uma das dimensões mais estudadas no âmbito dos traços psicopáticos corresponde ao fator afetivo. Este fator, frequentemente designado como traços calosos-insensíveis (*callous-unemotional*), caracteriza-se por uma ausência de empatia e de sentimentos de culpa ou remorso (Yan & Chen, 2023).

Um contributo relevante para a compreensão da psicopatia provém da Teoria da Vinculação, que aborda este construto a partir da perspetiva da psicologia do desenvolvimento. Nesta abordagem, a personalidade psicopática pode ser compreendida como a consequência de experiências de privação ou insatisfação emocional durante a infância, sendo possível identificar traços precoces através de comportamentos antissociais manifestados desde cedo (Van den Berg & Oei, 2009).

Autores como Bowlby (1969) inserem-se nesta tradição ao enfatizarem o papel das relações precoces entre a criança e as figuras de cuidado na formação de estilos de vinculação. A qualidade dessas relações pode contribuir para o desenvolvimento de padrões de vinculação inseguros, os quais poderão estar associados ao aparecimento de comportamentos desviantes. Assim, a psicopatia pode ser entendida como um construto psicológico que se desenvolve progressivamente e que integra múltiplos enquadramentos teóricos. Entre as dimensões mais estudadas destacam-se os traços de personalidade, a estrutura da personalidade e a cognição social, bem como os contributos da teoria da vinculação e da psicologia do desenvolvimento. Alguns modelos explicativos incluem ainda perspetivas biológicas e neuropsicológicas (Van den Berg & Oei, 2009).

No que diz respeito à vinculação, este conceito deriva dos trabalhos desenvolvidos por Ainsworth e Bowlby (1992), integrando contributos da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise. A teoria da vinculação é baseada num modelo de desenvolvimento emocional que sustenta que a relação mãe-bebé é a base das futuras relações interpessoais do indivíduo (Fernandez, 2015). Bowlby define a vinculação como a tendência do ser humano para estabelecer laços afetivos fortes com determinadas pessoas, podendo experimentar impacto emocional significativo em situações de separação ou perda (Fernandez, 2015).

Não existe vinculação sem objeto; o estabelecimento de uma relação objetiva é um pré-requisito de qualquer vinculação. A teoria da vinculação tornou-se essencial para a

compreender os padrões de relacionamento que se desenvolvem ao longo do ciclo vital, ao destacar a importância da relação que a criança estabelece com as figuras significativas. De forma geral, a pessoa que está mais próxima do bebê assume o papel de figura de vinculação, uma vez que lhe proporciona segurança e proteção (Fernandez, 2015).

Bowlby argumentava que a qualidade da vinculação estabelecida na infância, seja ela marcada por segurança ou insegurança, tende a influenciar o indivíduo ao longo de toda a vida. À medida que a criança se desenvolve, o padrão de vinculação deixa de estar associado apenas a uma relação específica e passa a integrar as características internas do próprio sujeito (Fernandez, 2015). É igualmente relevante salientar que a qualidade das relações estabelecidas com os pares é profundamente influenciada pelos padrões de vinculação previamente estruturados com as figuras parentais. Durante esta etapa, ocorrem duas transformações essenciais: o desenvolvimento de relações recíprocas, em que ambos os elementos são figuras de vinculação um do outro, e a substituição paulatina dos progenitores como principais figuras de vinculação, normalmente por um parceiro ou amigo íntimo (Fernandez, 2015).

A natureza emocional de uma relação de vinculação próxima e segura entre pais e criança promove maior sensibilidade parental aos sinais do bebê e contribui não só para a amplificação dos estados emocionais positivos, mas também para a regulação dos estados emocionais negativos (Khetrapal & Neah, 2009). A vinculação segura desenvolve-se quando os cuidadores são emocionalmente disponíveis e responsivos às necessidades da criança. Nestas circunstâncias, o bebê manifesta desconforto durante a separação, mas procura proximidade e contacto no momento de reencontro, utilizando o cuidador como base segura para explorar o ambiente. Este padrão favorece o desenvolvimento de competências de autorregulação emocional e constitui um fator protetor no ajustamento psicológico ao longo do ciclo de vida (Khetrapal & Neah, 2009).

Por sua vez, a vinculação evitante tende a emergir em contextos em que os cuidadores se revelam emocionalmente indisponíveis ou pouco responsivos. As crianças com este padrão aparentam não demonstrar desconforto perante a separação e evitam o contacto no reencontro, desenvolvendo estratégias precoces de supressão emocional e evitamento da dependência interpessoal, o que pode comprometer a competência social futura (Khetrapal & Neah, 2009).

A vinculação resistente ou ambivalente associa-se a padrões parentais inconsistentes, caracterizados por disponibilidade imprevisível. Estas crianças demonstram uma ansiedade elevada face à separação e dificuldade em serem consoladas no reencontro, mantendo-se apreensivas relativamente à acessibilidade do cuidador. Este padrão está frequentemente

associado a representações internas marcadas por ambivalência e insegurança relacional (Khetrapal & Neah, 2009).

Por fim, a vinculação desorganizada caracteriza-se por comportamentos desorientados, contraditórios ou congelados no momento de reaproximação com o cuidador. Este padrão tem sido associado a contextos em que a figura de vinculação constitui simultaneamente fonte de segurança e medo, frequentemente em situações de abuso ou negligência (Khetrapal & Neah, 2009).

Diante do exposto, torna-se pertinente sistematizar o conhecimento existente acerca da relação entre os estilos de vinculação e a psicopatia, na medida em que essa integração teórica e empírica pode contribuir para uma melhor clarificação das inconsistências presentes na literatura científica. Ao organizar e analisar criticamente os resultados de diferentes estudos, torna-se possível compreender de forma mais aprofundada como os padrões de vinculação estabelecidos ao longo do desenvolvimento podem influenciar a formação e expressão de traços psicopáticos.

Adicionalmente, esta abordagem permite explorar os mecanismos relacionais, emocionais e interpessoais que poderão estar subjacentes a este construto, nomeadamente no que se refere à regulação emocional, à capacidade empática e às dinâmicas de proximidade e confiança nas relações interpessoais. Assim, a presente revisão sistemática poderá não só contribuir para o avanço do conhecimento teórico na área da psicologia da personalidade e do desenvolvimento, mas também oferecer implicações relevantes para a compreensão clínica e para a formulação de intervenções mais ajustadas aos padrões relacionais característicos de indivíduos com traços psicopáticos.

Metodologia

O presente estudo foi estruturado com base na estratégia PICO e seguiu as diretrizes PRISMA (Liberati et al., 2009).

Critérios de elegibilidade

Os critérios definidos para a inclusão de estudos foram: 1) artigos que abordassem a relação entre estilos de vinculação e psicopatia; 2) artigos publicados em português, espanhol e inglês. Foram excluídos estudos cujo foco principal incidia sobre outras comorbilidades, bem como aqueles que não abordaram especificamente a relação entre vinculação e psicopatia.

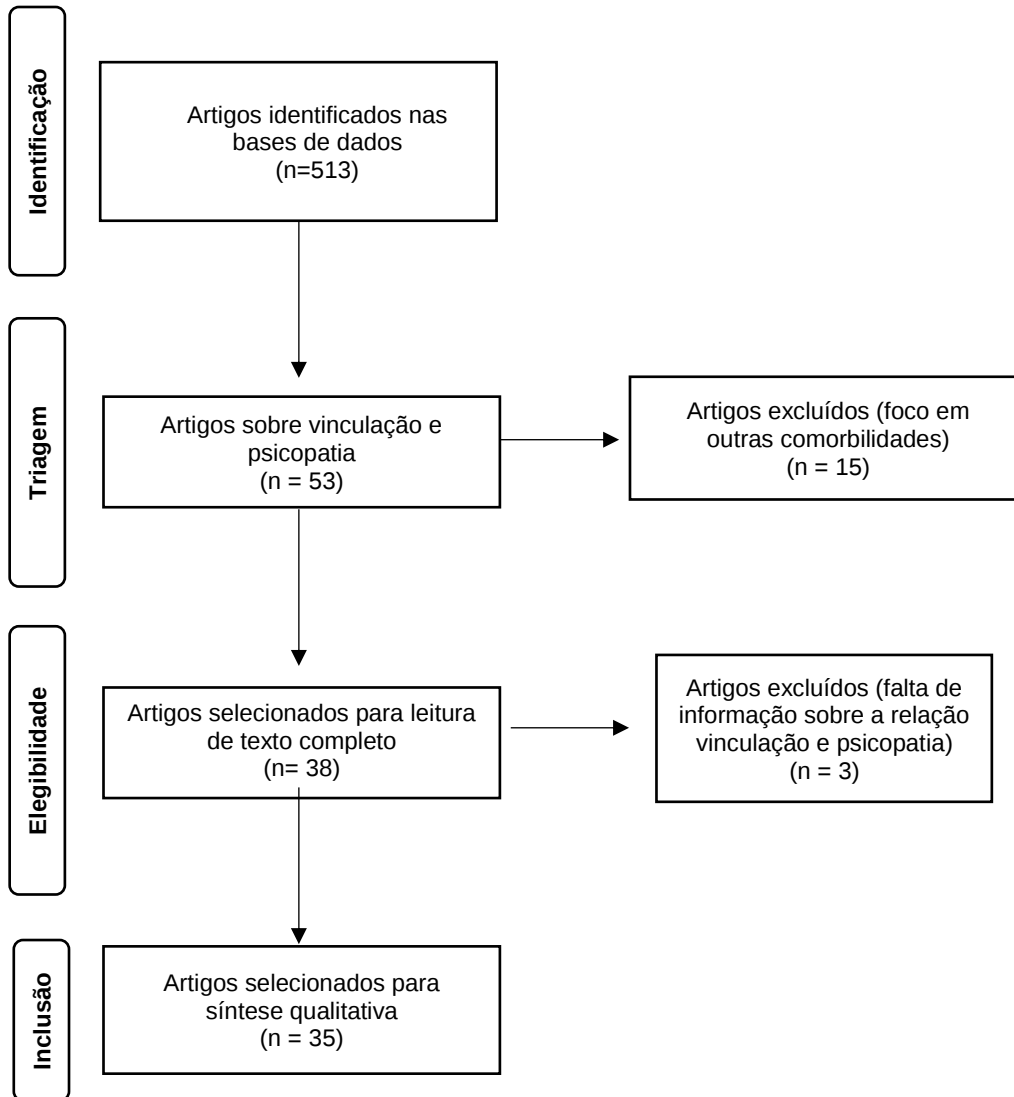
Seleção de artigos

A presente revisão sistemática foi conduzida pelo autor principal nas bases de dados Google Scholar, PubMed, APA PsycArticles e ScienceDirect. A estratégia de pesquisa utilizou as seguintes palavras-chave: “psychopathy AND attachment theory”. No total, foram identificados 513 artigos nas quatro bases de dados. Filtros foram usados para excluir artigos publicados em idiomas diferentes do português, espanhol e inglês.

Após exclusão dos duplicados e a leitura dos títulos e resumos, 35 estudos cumpriram os critérios de elegibilidade e foram incluídos para análise (ver Figura 1).

Figura 1.

Fluxograma PRISMA



Nota. Adaptado de Liberati et al., 2009

Resultados

A presente revisão sistemática inclui 35 estudos que investigam a influência dos estilos de vinculação no desenvolvimento da psicopatia e/ou traços psicopáticos, publicados entre 1992 e 2025.

Relativamente ao delineamento metodológico, a maioria dos estudos apresenta um desenho transversal (N=24). Foram identificados estudos longitudinais (N=4), incluindo investigações desde a infância até à adolescência. Foram ainda incluídas revisões sistemáticas ou integrativas (N=4), estudos teóricos/conceituais (N=1) e estudos de caso (N=2).

No que diz respeito às amostras analisadas nos estudos originais, predominam amostras da população geral ou comunitária (N=20), incluindo adolescentes e adultos jovens. Foram identificadas amostras clínicas ou forenses (N=5), nomeadamente populações com psicopatia severa, adolescentes de alto risco e indivíduos avaliados em contexto judicial ou institucional. Alguns estudos incluíram amostras mistas ou comparativas (N=3).

Os contextos de recolha variaram entre universidades (N=6), comunidade geral (N=10), instituições forenses (N=4) e contextos familiares (N=3). A maioria dos estudos recorreu a questionários de autorrelato (N=17).

Relativamente aos instrumentos de avaliação da vinculação, os mais utilizados foram o *Experiences in Close Relationships* (ECR/ECR-R) (N=7), o *Attachment Style Questionnaire* (ASQ) (N=6) e o *Relationship Scales Questionnaire* (RSQ) (N=5). Em menor número, foram utilizadas entrevistas estruturadas, como o *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA) (N=2), o *Parent Adult-Child Relationship Questionnaire* (PACQ) (N=2), o *Adult Attachment Interview* (AAI) (N=1), o *Child Attachment Interview* (CAI) (N=1), o *Strange Situation Procedure* (SSP) (N=1), a *Mother's Attachment Scale* (N=1) e o *Kobak Q-sort* (N=1).

Para a avaliação da psicopatia, os instrumentos mais frequentes foram a *Levenson Self-Report Psychopathy Scale* (LSRP/E-LSRP) (N=6), a *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM) (N=4), a *Hare Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R) (N=3), a *Youth Psychopathic Traits Inventory* (YPI) (N=3) e a *Autonomy-Connectedness Scale* (ACS-30) (N=3). Em menor número, foram ainda utilizados a *Self-Report Psychopathy* (SRP-III) (N=2), o *Inventory of Callous-Unemotional Traits* (N=1), a *Dark Triad Dirty Dozen* (N=1), a *Aggression Scale* (N=1), a *Toronto Alexithymia Scale* (TAS-20) (N=1), bem como instrumentos clínicos como o *Structured Clinical Interview for DSM-IV Personality Disorders* (SIDP-IV) e o *Structured Clinical Interview for DSM-IV Axis I Disorders* (SCID-I) (N=1). Foram ainda identificadas combinações metodológicas específicas como o uso do TriPM e do E-LSRP (N=1).

Por fim, no que diz respeito a variáveis psicológicas associadas, foram utilizados instrumentos como a *Cognitive Emotion Regulation Questionnaire* (CERQ) (N=1), a *Difficulties in Emotion Regulation Scale* (DERS) (N=1), a *Interpersonal Reactivity Index* (IRI) (N=1), o *Rorschach* (N=1), a *Self-Esteem Scale* (N=1), a *Mini-K da Arizona Life History Battery* (N=1) e a *Childhood Environmental Unpredictability* (CEU) (N=1).

De forma global, os resultados apontam para uma associação consistente entre padrões de vinculação inseguros e a presença de traços psicopáticos, ainda que com diferenciações importantes consoante as dimensões específicas da vinculação e as facetas da psicopatia analisadas.

A vinculação influencia a psicopatia?

No estudo longitudinal de Yan & Chen (2023), a vinculação insegura/evitante aos 12 meses associou-se a níveis mais elevados de ausência de remorso e frieza emocional aos 15 anos. Kochanska et al. (2009) verificou que, em díades inseguras, a assertividade parental predisser oposição ressentida que, por sua vez, predisser conduta antissocial, mecanismo que não se observou em díades seguras. Buck (2015) demonstrou que a sensibilidade materna reduziu a probabilidade de expressão de traços psicopáticos, sendo a vinculação segura mediadora no caso das raparigas.

Em adultos, Mack et al. (2011), Kyranides & Neofytou (2021), Christian (2017); Christian et al. (2017); Conradi et al. (2016) e van Beeck et al. (2014) identificaram associações significativas entre dimensões de vinculação insegura e diferentes facetas da psicopatia. Modelos de mediação foram identificados em Guo et al. (2015), Craig et al. (2013), van Beeck et al. (2014) e Bui & Pasalich (2021), nos quais a vinculação insegura mediou parcial ou sequencialmente a relação entre variáveis parentais ou trauma infantil e psicopatia.

Estilos de vinculação e psicopatia

A análise dos estudos revela que os estilos de vinculação estão de forma diferenciada associados a traços psicopáticos. A vinculação evitante apresenta uma associação relativamente consistente com dimensões afetivo-interpessoais da psicopatia, nomeadamente com traços *callous-unemotional*, sobretudo frieza emocional e ausência de remorso. Estudos longitudinais e transversais reforçam esta relação: Yan & Chen (2023) demonstrou que o padrão evitante precoce se associou a níveis elevados de frieza emocional na adolescência; Kyranides & Neofytou (2020) verificou que a vinculação evitante foi preditora positiva de traços *callous-unemotional*. De forma semelhante, Christian et al. (2017) encontrou associação

consistente entre evitamento e *meanness* em duas amostras distintas. Outras investigações, como as de Conradi et al. (2016) e Mack et al. (2011), corroboram estas associações, identificando correlação positiva entre vinculação evitante e facetas afetivo-interpessoais e impulsivo-irresponsáveis, bem como associação com psicopatia primária. Blanchard & Lyons (2016), por sua vez, verificou que traços psicopáticos primários em homens estavam relacionados com vinculação evitante. De forma complementar, a revisão sistemática conduzida por Pinheiro et al. (2025) também reporta que o estilo evitante está associado a traços *callous-unemotional* em mulheres, reforçando a consistência desta relação em diferentes populações e contextos.

Por outro lado, a vinculação ansiosa evidencia associações mais frequentes com dimensões comportamentais da psicopatia, particularmente com impulsividade, desinibição e psicopatia secundária. Christian et al. (2017) verificou que a ansiedade de vinculação se associou à dimensão de *desinhibition* (desinibição), enquanto Mack et al. (2011) encontrou ligação entre ansiedade e psicopatia secundária. Estudos como os de Bekker et al. (2007) e Bui & Pasalich (2021) indicam que a vinculação ansiosa previu o comportamento antissocial nos homens e se associou de forma indireta à violência psicológica através de traços psicopáticos e traços borderline. Bachrach et al. (2022) também identificou associação entre vinculação ansiosa e externalização.

Contudo, nem todos os resultados foram consistentes no que se refere à influência da vinculação ansiosa. Kyranides & Neofytou (2021) verificou que a vinculação ansiosa foi preditora negativa de traços *callous-unemotional*, sugerindo que a relação entre ansiedade de vinculação e dimensões afetivo-interpessoais da psicopatia pode variar consoante a amostra, a faceta psicopática considerada ou até mesmo o sexo dos participantes.

Em contraste, a vinculação segura foi descrita de forma consistente como fator protetor. Kochanska et al. (2009) demonstrou que a segurança da vinculação moderou o impacto da disciplina parental na conduta antissocial, enquanto Buck (2015) identificou que a vinculação segura mediou a relação entre sensibilidade materna e expressão de traços psicopáticos em raparigas. De igual forma, Bachmann et al. (2023) verificou que a vinculação segura ao pai se associou a menor comportamento antissocial e menores custos sociais, e a revisão conduzida por Henriques (2016) destacou que laços afetivos seguros favorecem o comportamento pró-social.

Apesar da predominância de associações significativas, existem estudos em que a relação entre vinculação e psicopatia não foi observada ou foi fraca. Stylianou et al. (2019) não

encontrou associação significativa entre qualidade de vinculação e delinquência, indicando que variáveis interpessoais, como *bullying* e vitimização, podem mediar completamente o efeito dos traços psicopáticos. Torres (2019) reportou relações fracas entre dimensões de vinculação e psicopatia, sendo os traços de personalidade do Modelo dos Cinco Fatores mais determinantes. Além disso, alguns estudos evidenciam resultados inconsistentes quanto à ansiedade de vinculação, com diferenças associadas ao sexo (Bekker et al., 2007; Blanchard & Lyons, 2016) ou à faceta psicopática analisada (Christian, 2017; Christian et al., 2017; Conradi et al., 2016).

Discussão e Conclusões

A presente revisão sistemática evidencia, de forma consistente, a associação entre estilos de vinculação inseguros (especialmente o evitante e ansioso) e a expressão de traços psicopáticos em diferentes contextos e populações. Estes resultados corroboram as hipóteses levantadas na introdução, sugerindo que padrões de vinculação inseguros podem comprometer o desenvolvimento de competências socioemocionais, incluindo regulação emocional, empatia e comportamento interpessoal adaptativo, dimensões centrais da psicopatia.

O estilo de vinculação evitante foi o mais frequentemente associado a traços *callous-unemotional* e a dimensões afetivo-interpessoais da psicopatia. Uma possível explicação para tal associação reside no facto de padrões de vinculação evitante estarem associados a estratégias de desativação emocional e distanciamento interpessoal. Segundo a teoria da vinculação de Bowlby, experiências precoces com cuidadores moldam modelos internos de funcionamento que orientam a regulação emocional, a empatia e as relações interpessoais ao longo do desenvolvimento. Indivíduos com vinculação evitante tendem a minimizar a expressão de afeto e a suprimir necessidades emocionais, o que pode limitar a aprendizagem de respostas empáticas e comportamentos pró-sociais. Estas estratégias de desativação emocional podem, assim, favorecer a emergência de traços como frieza emocional, ausência de remorso e dificuldade em estabelecer vínculos afetivos profundos, características centrais das dimensões afetivo-interpessoais da psicopatia. Neste sentido, os resultados sugerem que a relação entre vinculação e psicopatia poderá ser mediada por défices na regulação emocional e no desenvolvimento da empatia. Esta interpretação ajuda a compreender por que resultados, tanto de estudos longitudinais como transversais, demonstram que padrões de vinculação evitante na infância e adolescência predizem níveis elevados de traços *callous-unemotional*, sobretudo frieza emocional e ausência de remorso na idade adulta (Yan & Chen, 2023; Kyranides & Neofytou, 2021; Conradi et al. 2016; Mack et al., 2011; Blanchard & Lyons, 2016; Pinheiro et al., 2025).

Por outro lado, a vinculação ansiosa mostrou-se relacionada, sobretudo, com desinibição, impulsividade e psicopatia secundária (Christian, 2017; Christian et al., 2017; Mack et al., 2011; Bekker et al., 2007; Bui & Pasalich, 2021; Bachrach et al., 2022). No entanto, alguns resultados apresentam inconsistências, como observado por Kyranides & Neofytou (2021), indicando que a vinculação ansiosa poderá exercer efeitos diferenciados consoante a faceta psicopática analisada ou o sexo dos participantes. De forma geral, os resultados desta revisão são consistentes com a literatura que relaciona experiências precoces de cuidado com

o desenvolvimento de traços antissociais e dificuldade de regulação emocional. As inconsistências observadas relativamente à vinculação ansiosa sugerem que esta dimensão pode estar mais associada a padrões de desregulação emocional do que a défices afetivos centrais da psicopatia, implicando que fatores contextuais, individuais e de sexo podem modular a sua influência sobre os diferentes traços psicopáticos.

A vinculação segura emerge como fator protetor, associando-se a uma menor expressão de traços psicopáticos e comportamento antissocial. Estudos como os de Kochanska et al. (2009), Buck (2015) e Bachmann et al. (2023) demonstram que a vinculação segura pode mediar a relação entre práticas parentais sensíveis e a redução de traços psicopáticos, enquanto revisões como a de Henriques (2016) evidenciam que traços afetivos seguros favorecem comportamento pró-social e mitigam riscos comportamentais.

Apesar da predominância de associações significativas, alguns estudos não identificaram relações diretas entre vinculação e psicopatia ou encontraram associações fracas (Stylianou et al., 2019; Torres, 2019). Resultados inconsistentes foram também observados quanto à vinculação ansiosa, variando de acordo com o sexo (Bekker, 2007; Blanchard, 2016) ou faceta psicopática analisada (Christian, 2017; Christian et al., 2017; Conradi et al., 2016). Estes resultados sugerem que a vinculação constitui apenas um dos múltiplos fatores que influenciam a expressão de traços psicopáticos, interagindo com características individuais, contextuais e ambientais.

Esta revisão contribui ao integrar evidência recente e ao diferenciar o papel específico de cada estilo de vinculação nas distintas facetas da psicopatia. Em síntese, os resultados sugerem que os estilos de vinculação inseguros estão geralmente associados a níveis mais elevados de traços psicopáticos. A vinculação evitante surge como a dimensão mais consistentemente associada a traços afetivo-interpessoais, enquanto a vinculação ansiosa se relaciona mais frequentemente com desinibição e psicopatia secundária. Por sua vez, a vinculação segura apresenta papel protetor, associando-se a menor comportamento antissocial e a níveis reduzidos de traços psicopáticos. Todavia, a presença de resultados fracos ou inconsistentes indica que a vinculação constitui apenas um dos múltiplos fatores envolvidos na expressão e no desenvolvimento da psicopatia, sendo a influência diferenciada consoante a faceta psicopática, o sexo, o contexto e a população estudada.

Limitações

Foram identificadas limitações metodológicas nos estudos incluídos, as quais podem influenciar a validade e generalização dos resultados. Em primeiro lugar, a esmagadora maioria

dos estudos possui desenho transversal, o que limita a capacidade de estabelecer relações causais entre estilos de vinculação e traços psicopáticos. Apenas alguns estudos apresentaram delineamento longitudinal (por exemplo, Yan & Chen, 2023; Buck, 2015; Stylianou et al., 2019), os quais são essenciais para clarificar trajetórias de desenvolvimento da psicopatia desde a infância até à idade adulta. Em segundo lugar, as amostras eram relativamente pequenas ou não representativas, incluindo populações de estudantes universitários, amostras comunitárias ou subgrupos clínicos específicos, o que restringe a generalização dos achados para a população mais ampla. Em terceiro lugar, muitos estudos utilizaram questionários de autorrelato para avaliar estilos de vinculação e traços psicopático, o que pode introduzir enviesamento de memória ou percepção subjetiva, afetando a fiabilidade dos resultados. Além disso, a heterogeneidade nos instrumentos utilizados pode contribuir para discrepâncias entre estudos e dificultar comparações diretas dos resultados.

Futuras Direções

Os achados desta revisão sistemática apontam diversas oportunidades para aprofundar a investigação sobre a relação entre os estilos de vinculação e a psicopatia. Primeiramente, é necessária a realização de mais investigações longitudinais que acompanhem os indivíduos desde a infância ou adolescência até à idade adulta, permitindo compreender a evolução dos estilos de vinculação e a emergência de traços psicopáticos ao longo do tempo.

Em segundo lugar, é essencial aumentar a diversidade das amostras, incluindo diferentes contextos culturais, faixas etárias e populações clínicas, forenses e comunitárias, de modo a avaliar a consistência das associações e identificar fatores contextuais que possam influenciar a relação entre vinculação e psicopatia.

Outro ponto relevante refere-se à investigação de mecanismos mediadores e moderadores, como regulação emocional, experiências de trauma, qualidade das relações parentais e diferenças de sexo, que parecem desempenhar um papel crucial na influência dos estilos de vinculação sobre diferentes facetas da psicopatia.

Além disso, futuros estudos devem privilegiar métodos de avaliação multimétodo, combinando autorrelato, entrevistas estruturadas e observação comportamental, de modo a reduzir o risco de enviesamento subjetivo e permitir análises mais fiáveis. Por fim, há potencial relevante para intervenções preventivas e terapêuticas, especialmente em contextos familiares e educativos, focadas na promoção de vínculos seguros e competências socioemocionais. Estratégias que visem reparar modelos internos disfuncionais ou reduzir padrões de vinculação inseguros poderão contribuir para a diminuição da expressão de traços psicopáticos e

comportamentos antissociais. Embora estilos de vinculação inseguros estejam associados a níveis mais elevados de traços psicopáticos, futuras investigações devem explorar como estas relações variam em função da faceta psicopática, sexo, contexto e população estudada, permitindo uma melhor compreensão dos mecanismos subjacentes e orientar intervenções preventivas e terapêuticas.

Referências

- Alzeer, S. M., Michailidou, M. I., Munot, M., & Kyranides, M. N. (2019). Attachment and parental relationships and the association with psychopathic traits in young adults. *Personality and Individual Differences*, 151, Article 109499. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.07.009>
- American Psychiatric Association. (2023). *DSM-5-TR: Manual diagnóstico e estatístico das perturbações mentais* (5.^a ed., texto rev.). Artmed.
- Arrigo, B. A., & Griffin, A. (2004). Serial murder and the case of Aileen Wuornos: Attachment theory, psychopathy, and predatory aggression. *Behavioral sciences & the law*, 22(3), 375-393. <https://doi.org/10.1002/bsl.583>
- Bachmann, C. J., Humayun, S., Stevens, M., O'Connor, T. G., & Scott, S. (2023). Secure attachment predicts lower societal cost amongst severely antisocial adolescents. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, 17(1), 56. <https://doi.org/10.1186/s13034-023-00598-8>
- Bachrach, N., Bekker, M. H. J., & Croon, M. A. (2022). Attachment, autonomy-connectedness, and internalizing and externalizing personality disorder symptoms. *Journal of Psychiatry & Mental Disorders*, 7(1), 1060. <https://doi.org/10.26420/jpsychiatrymentaldisord.2022.1060>
- Bachrach, N., Croon, M. A., & Bekker, M. H. (2015). The role of sex, attachment and autonomy-connectedness in personality functioning. *Personality and Mental Health*, 9(4), 330-344. <https://doi.org/10.1002/pmh.1309>
- Bekker, M. H., Bachrach, N., & Croon, M. A. (2007). The relationships of antisocial behavior with attachment styles, autonomy-connectedness, and alexithymia. *Journal of Clinical psychology*, 63(6), 507-527. <https://doi.org/10.1002/jclp.20363>
- Blanchard, A., & Lyons, M. (2016). Sex differences between primary and secondary psychopathy, parental bonding, and attachment style. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 10(1), 56-63. <https://doi.org/10.1037/ebs0000065>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment*. In *Attachment and loss* (Vol. 1). Hogarth Press.
- Bowlby, J., & Ainsworth, M. (1992). The origins of attachment theory. In J. Bowlby & M. Ainsworth, *Attachment theory: Social, developmental, and clinical perspectives* (pp. 759-775). Lawrence Erlbaum Associates.
- Brennan, K. A., & Shaver, P. R. (1998). Attachment styles and personality disorders: Their connections to each other and to parental divorce, parental death, and perceptions of

- parental caregiving. *Journal of personality*, 66(5), 835-878.
<https://doi.org/10.1111/1467-6494.00034>
- Buck, K. A. (2015). Understanding adolescent psychopathic traits from early risk and protective factors: Relations among inhibitory control, maternal sensitivity, and attachment representation. *Journal of Adolescence*, 44, 97-105.
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.07.009>
- Bui, N. H., & Pasalich, D. S. (2021). Insecure attachment, maladaptive personality traits, and the perpetration of in-person and cyber psychological abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(5-6), 2117-2139. <https://doi.org/10.1177/0886260518760332>
- Christian, E. (2017). *Clarifying the Associations between Psychopathy and Attachment in Adult Non-Institutionalised Samples* (Tese de doutoramento, The Australian National University).
- Christian, E., Sellbom, M., & Wilkinson, R. B. (2017). Clarifying the associations between individual differences in general attachment styles and psychopathy. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 8(4), 329-339.
<https://doi.org/10.1037/per0000206>
- Conradi, H. J., Boertien, S. D., Cavus, H., & Verschuere, B. (2016). Examining psychopathy from an attachment perspective: The role of fear of rejection and abandonment. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 27(1), 92-109.
<https://doi.org/10.1080/14789949.2015.1077264>
- Craig, R. L., Gray, N. S., & Snowden, R. J. (2013). Recalled parental bonding, current attachment, and the triarchic conceptualisation of psychopathy. *Personality and Individual Differences*, 55(4), 345-350. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.03.012>
- Craparo, G., Schimmenti, A., & Caretti, V. (2013). Traumatic experiences in childhood and psychopathy: a study on a sample of violent offenders from Italy. *European journal of psychotraumatology*, 4(1), 21471. <https://doi.org/10.3402/ejpt.v4i0.21471>
- Fernandez, I. D. S. (2015). Da vinculação à psicopatia (Dissertação de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro).
- Gabbard, G. O. (2014). *Psiquiatria Psicodinâmica na prática clínica atualizado segundo o DSM-5*. Artmed.
- Guo, F., Zhong, L., Huang, X., Chen, Z., & Sun, X. (2025). Childhood Environmental Unpredictability and Psychopathy: Mediating Roles of Insecure Attachment and Life History Strategy. *International Journal of Mental Health Promotion*, 27(2), 111-124.

<https://doi.org/10.32604/ijmhp.2025.058874>

- Henriques, B. M. (2014). Qualidade da vinculação e comportamento antissocial na infância. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4(1), 35-43. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2014.n1.v4.591>
- Khetrapal, N. (2009). The early attachment experiences are the roots of psychopathy. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 3(1), Article e3201. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v3i1.29>
- Kochanska, G., Barry, R. A., Stellern, S. A., & O'Bleness, J. J. (2009). Early attachment organization moderates the parent-child mutually coercive pathway to children's antisocial conduct. *Child development*, 80(4), 1288-1300. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01332.x>
- Kyranides, M. N., & Neofytou, L. (2021). Primary and secondary psychopathic traits: The role of attachment and cognitive emotion regulation strategies. *Personality and Individual Differences*, 182, Article 111106. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.111106>
- Kyranides, M. N., Kokkinou, A., Imran, S., & Cetin, M. (2023). Adult attachment and psychopathic traits: Investigating the role of gender, maternal and paternal factors. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspective on Diverse Psychological Issues*, 42(6), 4672-4681. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-01827-z>
- Mack, T. D., Hackney, A. A., & Pyle, M. (2011). The relationship between psychopathic traits and attachment behavior in a non-clinical population. *Personality and Individual Differences*, 51(5), 584-588. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.05.019>
- Marsura, A. M., Rangel, L. R., da Costa Guimarães, E., Coimbra, R. B., Ferreira, V. M. F., Silva, G. O., Mendonça, T. B., Mendonça, T., Reis, P.V., Lourenço, P. H., Pardin, E., & Hammerschmidt, R. M. (2023). Transtorno de personalidade antissocial: uma revisão integrativa acerca dos fatores genéticos e ambientais do diagnóstico. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 5(4), 2716-2726. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n4p2716-2726>
- Muarifah, A., Mashar, R., Hashim, I. H. M., Rofiah, N. H., & Oktaviani, F. (2022). Aggression in adolescents: the role of mother-child attachment and self-esteem. *Behavioral Sciences*, 12(5), 147. <https://doi.org/10.3390/bs12050147>
- Nørbech, P. C. B., Crittenden, P. M., & Hartmann, E. (2013). Self-protective strategies, violence and psychopathy: Theory and a case study. *Journal of personality assessment*, 95(6), 571-584. <https://doi.org/10.1080/00223891.2013.823441>

- Pinheiro, M. L., Machado, A. B., Gonçalves, R. A., Caridade, S., & Cunha, O. (2025). Exploring Attachment-Related Factors and Psychopathic Traits: A Systematic Review Focused on Women. *Behavioral Sciences*, 15(9), 1293. <https://doi.org/10.3390/bs15091293>
- Pires, D., Pereira, M., Paiva, S., & Silva, C. F. (2017). *Intervenção psicológica em perturbações da personalidade*. PACTOR
- Schimmenti, A., Passanisi, A., Pace, U., Manzella, S., Di Carlo, G., & Caretti, V. (2014). The relationship between attachment and psychopathy: A study with a sample of violent offenders. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*, 33(3), 256-270. <https://doi.org/10.1007/s12144-014-9211-z>
- Stylianou, I., Charalampous, K., & Stavrinides, P. (2019). Psychopathic traits and adolescents' delinquency: A short-term longitudinal study. *European Journal of Developmental Psychology*, 16(4), 417-432. <https://doi.org/10.1080/17405629.2018.1438887>
- Torres, L. C. A. (2019). *Vinculação, Psicopatia e Personalidade* (Master's thesis, Universidade de Coimbra (Portugal)).
- van Beeck, M., Bogaerts, S., Sellbom, M., Somma, A., Fossati, A., Brehmer, Y., Jankovic, M., & Garofalo, C. (2024). The relationship between experiencing childhood trauma and psychopathic personality traits: The mediating role of insecure attachment. *Journal of aggression, maltreatment & trauma*, 33(9), 1055-1072. <https://doi.org/10.1080/10926771.2024.2381558>
- Van den Berg, A., & Oei, K. (2009). Attachment and psychopathy in forensic patients. *Mental Health Review Journal*, 14(3), 40-51. <https://doi.org/10.1108/13619322200900020>
- Venables, N. C., Hall, J. R., & Patrick, C. J. (2014). Differentiating psychopathy from antisocial personality disorder: A triarchic model perspective. *Psychological Medicine*, 44(5), 1005-1013. <https://doi.org/10.1017/S003329171300161X>
- Yan, J. J., & Chen, J. (2023). Adolescent affective psychopathic traits: the long-term outcomes of mother–infant attachment across 14 years. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 32(10), 1899-1907. <https://doi.org/10.1007/s00787-022-02011-9>

Anexos 1 - Síntese dos artigos sobre a influência dos estilos de vinculação no desenvolvimento da Psicopatia.

#	Citação	País	N	Design	Instrumentos	Estilo de vinculação e traços psicopáticos identificados	Resultados	Limitações
1	Alzeer et al., 2019	Reino Unido	211	Transversal	LSRP (Levenson Self-Report Psychopathy Scale); PACQ (Parent Adult-Child Relationship Questionnaire); RSQ (Relationship Scale Questionnaire)	O estudo analisou os estilos de vinculação adulta e a relação parental (mãe e pai) na expressão de traços psicopáticos primários e secundários. Destaca-se que vinculações evitante e ansiosa, principalmente em relação ao pai, predizem níveis mais elevados de traços psicopáticos, enquanto vinculação segura funciona como fator protetor. As dimensões de relação com a mãe (afeto e responsabilidade) não foram preditores significativos.	Indivíduos com vinculação insegura, sobretudo evitante, apresentam níveis mais elevados de psicopatia primária e secundária. Vinculação segura associou-se a níveis baixos de traços psicopáticos. Relações paternas caracterizadas por maior responsabilidade e controlo previram níveis mais elevados da psicopatia.	Amostra não clínica; dimensão amostral reduzida; estudo transversal; utilização exclusiva de autorrelato; ausência de diagnóstico formal.
2	Arrigo et al., 2004	EUA	1	Estudo de caso	-	Vinculação e traços de psicopatia, associados ao homicídio predatório feminino.	Aileen Wuornos identificada como homicida, com comportamento criminoso associado a traços de psicopatia e padrões de vinculação, com implicações para prevenção clínica e forense.	Estudo de caso único; dependência de fontes secundárias; sem análise empírica quantitativa.
3	Bachmann et al., 2023	Alemanha	111	Transversal	Child Attachment Interview; entrevista de utilização de serviços (service-use-interview) e instrumentos de autorrelato para avaliação de comportamento antissocial e traços callous-unemotional	Vinculação à mãe e ao pai (segura/insegura) associada a comportamento antissocial, traços <i>callous-unemotional</i> , com impacto em custos económicos (serviços de justiça, educação, saúde).	A vinculação segura ao pai foi associada a custos públicos mais reduzidos, enquanto a vinculação à mãe não apresentou efeito significativo. Os custos aumentaram com maior comportamento antissocial, traços <i>callous-unemotional</i> , idade mais elevada e menor QI verbal.	Amostra específica de jovens delinquentes; transversal; custos calculados apenas com base em entrevistas.

Vinculação e Psicopatia: Uma Revisão Sistemática

4	Bachrach et al., 2022	Países Baixos	202	Transversal	ASQ (Attachment Style Questionnaire), VKP (Questionnaire for Personality Characteristics) e ACS-30 (Autonomy-Connectedness Scale).	Os fatores associados à psicopatia abrangem padrões de internalização e externalização, estilos de vinculação ansiosa e evitante, níveis de autonomia e diferenças associadas ao sexo.	Identificou-se estrutura bifatorial (internalização vs externalização). A vinculação ansiosa associou-se à internalização e também à externalização, em conjunto com o sexo. A vinculação evitante associou-se mais ao sexo masculino e à externalização.	Amostra não clínica e limitada; transversal; apenas instrumentos de autorrelato; não avalia formalmente a psicopatia.
5	Bachrach et al., 2015	Países Baixos	106	Transversal	Attachment Style Questionnaire (ASQ); Autonomy-Connectedness Scale (ACS-30) e Questionnaire for Personality Characteristics (VKP), incluindo análise fatorial da vinculação (ansiosa e evitante).	Sexo, estilos de vinculação, autonomia-conectividade estão associados ao funcionamento patológico da personalidade (dimensões Kernberg).	Estilos de vinculação inseguros e componentes de autonomia (sensibilidade aos outros e capacidade de lidar com novas situações) predizem disfunção geral de personalidade. A realidade testada apresentou associação negativa com a capacidade de lidar com novas situações, e a agressividade foi predita pelo sexo e pelos estilos de vinculação inseguros.	Amostra clínica, limitada a pacientes ambulatoriais; tamanho de amostra relativamente pequeno.
6	Bekker et al., 2007	Países Baixos	202	Transversal	ASQ; ACS-30; TAS-20; Bermond and Vorst Alexithymia Questionnaire (BVAQ) Questionnaire for Personality Characteristics (VKP)	Vinculação (ansiosa/evitante), autonomia-conectividade (autoconsciência, sensibilidade aos outros, capacidade de gerir novas situações), alexitimia associados a comportamentos antissociais e passivo-agressivo.	Foram encontradas diferenças sexuais, sendo que a vinculação ansiosa prediz mais fortemente o comportamento antissocial nos homens. A capacidade de gerir novas situações mediou o comportamento antissocial. A sensibilidade aos outros mediou a relação entre a vinculação ansiosa e o comportamento passivo-agressivo. O fator fantasiar (alexitimia) apresentou associação negativa com o comportamento antissocial	Amostra universitária, não clínica; transversal; instrumentos de autorrelato.

Vinculação e Psicopatia: Uma Revisão Sistemática

7	Blanchard, A., & Lyons, M., 2016	Reino Unido	262	Transversal	Self-Report Psychopathy Scale (SRP-III); Parental Bonding Instrument (PBI); Relationship Scales Questionnaire (RSQ);	Traços psicopáticos primários e secundários, diferenças sexuais, vinculação parental, ansiedade e evitação em relacionamentos atuais.	Traços psicopáticos primários em homens associados a mães controladoras e vinculação evitante; em mulheres, associados a pais negligentes e vinculação ansiosa e evitante. Traços psicopáticos secundários em homens associados a pais negligentes e vinculação ansiosa; em mulheres, sem associações significativas.	Estudo transversal; dados retrospectivos.
8	Bowlby & Ainsworth, 1992	Reino Unido	-	Revisão tradicional da literatura	-	Teoria de vinculação: sistema de vinculação que envolve figuras de vinculação, base segura e proteção emocional.	Estabelece os princípios fundamentais da teoria da vinculação, descrevendo o vínculo emocional com figuras parentais como um sistema adaptativo que promove a sobrevivência, define estilos de vinculação e explica como experiências precoces moldam representações internas, influenciando a regulação emocional, relações futuras e a vulnerabilidade a perturbações da personalidade, incluindo traços antissociais/psicopáticos quando a vinculação é disfuncional.	Limita-se a interpretar evidências existentes; não oferece testes causais diretos;
9	Brennan & Shaver., 2015	EUA	1407	Transversal	ECR-R; SIDP-IV e SCID-I; IRA, PAI-BOR, DERS, IIP, Kobak Q-sort,	Ansiedade de vinculação associada a défices na capacidade de mentalização, bem como a dificuldades em distinguir entre o eu e o outro e na consolidação da identidade.	Verificou-se uma sobreposição substancial entre os estilos de vinculação e as medidas de perturbações da personalidade. Experiências familiares e percepções de cuidado parental associaram-se tanto à vinculação como às perturbações da personalidade.	Amostra não clínica; transversal; não utiliza instrumentos para avaliar psicopatia.

Vinculação e Psicopatia: Uma Revisão Sistemática

10	Buck, 2015	EUA	957	Longitudinal	Medidas de traços psicopáticos em adolescentes, avaliação de inibição comportamental, sensibilidade materna e vinculação	Traços psicopáticos associados à inibição comportamental, à sensibilidade materna e à vinculação insegura.	Sensibilidade materna associada a menor probabilidade de expressão de traços psicopáticos em rapazes com baixa inibição; em raparigas, a vinculação segura mediou a relação entre sensibilidade materna e inibição no desenvolvimento de traços psicopáticos.	Possíveis variações na medida de sensibilidade e vinculação; amostra baseada em coorte específica; fatores culturais ou familiares não controlados.
11	Bui & Pasalich, 2021	Austrália	200	Transversal	Questionários online – instrumentos não padronizados.	Estilos de vinculação inseguros (ansioso/evitante) associam-se a traços de Perturbação da Personalidade Borderline (PPB) e traços psicopáticos. Estes padrões aumentam o risco de envolvimento em violência psicológica, tanto presencial como online.	Vinculação ansiosa associa-se indiretamente à violência psicológica via PPB e traços psicopáticos, enquanto a vinculação evitante se relaciona indiretamente com traços psicopáticos. Ambos os estilos de vinculação estão associados à perpetração de violência psicológica presencial e digital.	Amostra pequena, não clínica e apenas com jovens adultos; avaliação online; transversal.;
12	Christian et al., 2017	Austrália e EUA	Austrália 249 EUA 292	Transversal	Psicopatia: Triarchic Psychopathy Measure (TriPM) e LSRP (amostra australiana); Vinculação: ECR-R (Short Form) e Attachment Styles Questionnaire	Estilos de vinculação (ansiosa, evitante); domínios da psicopatia (<i>boldness, meanness, disinhibition</i>)	<i>Boldness</i> associou-se negativamente à vinculação insegura. <i>Meanness/callousness</i> associou-se consistentemente à vinculação evitante. <i>Disinhibition/antisocial</i> associou-se a vinculação insegura, sobretudo ansiosa. Resultados replicados em duas amostras e com medidas distintas.	Transversal; amostras não clínicas; instrumentos de autorrelato.

Vinculação e Psicopatia: Uma Revisão Sistemática

13	Christian, 2017	Austrália	541	Transversal	Psicopatia: TriPM + E-LSRP; Vinculação: ECR-R + ASQ	Vinculação ansiosa e evitante	Os resultados mostraram associações consistentes entre diferenças individuais nos estilos de vinculação e traços psicopáticos, variando conforme a dimensão da vinculação, componente da psicopatia e relação específica considerada. Também foram observados déficits na presença de laços afetivos, refletidos em menor comportamento de vinculação dentro da rede social íntima, redes mais pequenas e diferenças na composição social.	Instrumentos de autorrelato; transversal
14	Conradi et al., 2016	EUA	1074	Transversal	Triarchic Psychopathy Measure (TriPM) Levenson Self-Report Psychopathy Scale	Facetas da psicopatia (afetivo-interpessoal, impulsivo-irresponsável, <i>callous-unemotional</i> , grandioso-manipulador) associam-se a estilos de vinculação inseguros, sobretudo evitante e ansioso.	Facetas afetivo-interpessoal e impulsivo-irresponsável associam-se positivamente com vinculação evitante. <i>Callous-unemotional</i> relaciona-se negativamente com a vinculação ansiosa, enquanto as facetas grandioso-manipulador e impulsivo-irresponsável correlacionam-se positivamente com vinculação ansiosa, apoiando um modelo de déficit duplo com diferentes trajetórias para as facetas da psicopatia.	Efeito correlacional não implica causalidade; efeito estatístico pequeno; amostra não clínica (universitários).
15	Craig et al., 2013	Reino Unido	208	Transversal	Parental Bonding Instrument (PBI); Experiences in Close Relationships Scale (ECR); Triarchic Psychopathy Measure (TriPM)	Variáveis parentais (cuidado e superproteção do pai e da mãe), Traços psicopáticos (<i>boldness</i> , <i>disinhibition</i> , <i>meanness</i>), e dimensões da vinculação (ansiedade e evitamento).	Ansiedade na vinculação mediou a relação entre o cuidado parental e <i>boldness</i> e <i>disinhibition</i> ; A superproteção paterna teve efeito direto sobre a <i>desinibição</i> . O evitamento mediou a relação entre o cuidado materno e a <i>desinibição</i> . Não se verificaram efeitos significativos sobre <i>meanness</i>	Uso exclusivo de autorrelato; Transversal; Amostra não clínica.

Vinculação e Psicopatia: Uma Revisão Sistemática

16	Craparo et al., 2013	Itália	22	Transversal	Traumatic Experience Checklist; Hare Psychopathy Checklist–Revised (PCL-R)	Trauma relacional na infância associado a traços de psicopatia.	Elevada prevalência de negligência e abuso na infância; níveis mais altos de trauma relacional associados a maiores escores de psicopatia; relação negativa significativa entre a idade do primeiro trauma e os escores de psicopatia.	Amostra pequena; amostra específica de ofensores violentos; transversal.
17	Fernandez et al., 2015	Portugal	428	Transversal	IPPA3; YPI	As dimensões de confiança, comunicação e atenção/alienação estão associadas a traços psicopáticos.	A confiança e a atenção associaram-se negativamente à psicopatia, funcionando como fatores protetores, enquanto a comunicação apresentou uma associação positiva, sobretudo em relação à figura paterna. De forma inesperada, a confiança na mãe surgiu a níveis mais elevados de psicopatia.	Dissertação; transversal; autorrelato; possíveis problemas de interpretação das dimensões do IPPA.
18	Guo et al., 2025	China	532	Transversal	Escala de CEU (Childhood Environmental Unpredictability); ECR (Experiences in Close Relationships Scale); Mini-K da Arizona Life History Battery; Dark Triad Dirty Dozen-Psychopathy.	A inconstância ambiental na infância associa-se à vinculação insegura, que, por sua vez, favorece estratégias de história de vida específicas, podendo contribuir para o desenvolvimento de traços psicopáticos.	CEU associou-se positivamente à vinculação insegura, às estratégias de história de vida (LHS) e à psicopatia. Vinculação insegura associou-se às LHS e à psicopatia, enquanto as LHS também se associaram à psicopatia. Vinculação insegura e LHS mediaram, de forma independente e sequencial, a relação entre CEU e psicopatia.	Transversal; amostra não clínica; instrumentos de autorrelato; não distingue psicopatia primária de secundária.

Vinculação e Psicopatia: Uma Revisão Sistemática

19	Henriques et al., 2014	Portugal	-	Revisão sistemática	-	Qualidade da vinculação parental associada a comportamentos disruptivos/antissociais em crianças.	A qualidade da vinculação estabelecida com os pais/família está associada ao desenvolvimento de comportamentos antissociais e disruptivos. A vinculação segura favorece comportamento pró-social, enquanto vinculação insegura aumenta risco de comportamentos disruptivos.	Diversidade metodológica dos estudos originais pode dificultar comparações diretas.
20	Khetrapal, Neha, 2009	India	-	Revisão tradicional da literatura	-	Psicopatia associada a padrões de vínculo de vinculação e à integração hemisférica cerebral.	Propõe a hipótese de “vinculação e integração hemisférica deficiente”, segundo a qual a vinculação insegura na infância prejudica a interação entre hemisférios, afetando regulação emocional e processamento de sinais não-verbais em indivíduos com traços psicopáticos, podendo explicar resultados inconsistentes sobre lateralidade e contribuir para o debate natureza vs. criação.	Baseado em teoria e revisão de literatura; ausência de dados empíricos diretos.
21	Kochanska et al., 2009	EUA	101	Longitudinal	Procedimentos observacionais longitudinais (interações pais-criança); classificação da vinculação através de paradigma experimental; e ratings parentais do comportamento antissocial.	Uma vinculação infantil insegura e um poder parental excessivamente rígido podem favorecer a oposição ressentida da criança e, em alguns casos, contribuir para o desenvolvimento de comportamentos de conduta antissocial	Em díades inseguras, a assertividade parental prediz oposição ressentida da criança, que por sua vez prediz conduta antissocial. Este padrão não se verifica em díades seguras, nas quais a vinculação segura atua como fator protetor.	Amostra pequena; foco em observações parentais; estudo limitado a primeiras idades da infância.

22	Kyranides et al., 2023	Reino Unido	1149	Transversal	Inventory of Callous-Unemotional Traits (ICU) para CU traits; Relationship Scales Questionnaire (RSQ); Parent Adult-Child Relationship Questionnaire (PACQ)	Adultos com maior evitação na vinculação apresentaram níveis mais elevados de frieza emocional (CU traits) em ambos os géneros. A ansiedade na vinculação atuou como fator protetor, associando-se a níveis mais baixos destes traços. Entre os fatores parentais, o respeito e cuidado materno surgiram como fatores protetores nos homens, enquanto a responsabilidade paterna percebida foi um fator de risco nas mulheres.	Os traços de frieza e insensibilidade emocional manifestaram-se diferentemente entre os géneros, com os homens a apresentar níveis mais elevados do que as mulheres. A evitação na vinculação foi o principal preditor positivo destes traços, enquanto a ansiedade na vinculação apresentou associação negativa. Os fatores parentais tiveram efeito parcial, com influência materna nos homens e paterna nas mulheres. A vinculação explicou a maior parte da variância dos CU <i>traits</i> , mostrando-se mais influente do que os fatores parentais.	Estudo transversal (não permite inferir causalidade); amostra não clínica; foco apenas em CU <i>traits</i> , não contemplando um diagnóstico formal de psicopatia ou PPA; dados de autorrelato.
23	Kyranides et al., 2021	Reino Unido	338	Transversal	Levenson Self-Report Psychopathy Scale (LSRP) Relationship Scale Questionnaire (RSQ) Cognitive Emotion Regulation Questionnaire (CERQ)	Estilos de vinculação (ansioso/evitante) associam-se às estratégias de regulação emocional, sendo que a vinculação insegura tende a relacionar-se com o uso de estratégias maladaptativas. Estes padrões articulam-se com traços psicopáticos primários e secundários, refletindo diferentes perfis emocionais e interpessoais.	O evitamento, juntamente com “culpar outros” e “reinterpretar positivamente” prediz psicopatia primária, enquanto “colocar em perspetiva” atua como fator protetor. Já a ansiedade, associada à catastrofização, constitui fatores de risco para psicopatia secundária, evidenciando a heterogeneidade dos traços psicopáticos e relações distintas com vinculação e as CERS.	Amostra não clínica; transversal; predominância de mulheres

Vinculação e Psicopatia: Uma Revisão Sistemática

24	Mack et al., 2011	EUA	209	Transversal	ECR-R, Levenson Self-Report Psychopathy Scale	Vinculação (evitamento e ansiedade) associada à psicopatia (primária e secundária).	Evitamento e ansiedade de vinculação associaram-se a maiores escores de psicopatia primária; ambas as dimensões também se associaram à psicopatia secundária.	Amostra universitária (não clínica); transversal, instrumentos de autorrelato.
25	Marsura et al., 2023	Brasil	-	Revisão tradicional de literatura	-	Fatores genéticos e ambientais associados ao desenvolvimento da PPA.	Fatores genéticos e ambientais contribuem de forma conjunta para o desenvolvimento da PPA, sendo a predisposição genética um componente-chave e os fatores ambientais determinantes na sua expressão comportamental.	Sem dados empíricos originais; revisão tradicional de literatura.
26	Muarifah et al., 2022	Indonésia	730	Transversal	Aggression Scale; Mother's Attachment Scale; Self-Esteem Scale.	O estudo analisou os estilos de vinculação materna e o papel da autoestima como mediador na agressão em adolescentes. Destaca-se que a vinculação segura está associada a níveis mais elevados de autoestima e a menores níveis de agressão, enquanto a vinculação insegura correlaciona-se com níveis mais baixos de autoestima e maiores níveis de agressão.	Vinculação insegura, sobretudo a ansiosa, associou-se positivamente à agressividade e negativamente à autoestima. A autoestima teve um efeito negativo significativo na agressividade.	Amostra não clínica; foco apenas na vinculação materna; estudo transversal; não avalia traços psicopáticos e não contempla um diagnóstico de PPA.
27	Nørbech et al., 2013	Noruega	1	Estudo de caso	Adult Attachment Interview (AAI) codificado pelo DSM, Rorschach	Estratégias de vinculação associadas a traços psicopáticos e comportamentos violentos.	Identificação de estratégias de vinculação (idealizante-dissmissiva e paranóide), presença de perda e trauma não resolvidos, possíveis sinais de depressão e compatibilidade entre AAI e Rorschach.	Estudo de caso único; sem desenho longitudinal; baseado em interpretação qualitativa

Vinculação e Psicopatia: Uma Revisão Sistemática

28	Pinheiro et al., 2025	Portugal	-	Revisão sistemática	-	Os traços psicopáticos em mulheres associam-se à vinculação insegura (evitante e ansiosa) e a fatores parentais disfuncionais. Estes padrões ligam-se ao desenvolvimento de esquemas maladaptativos e a fatores de risco na infância.	Estilos de vinculação inseguros estão associados à psicopatia em mulheres, sendo o evitante relacionado com traços <i>callous-unemotional</i> , enquanto a vinculação ansiosa apresenta resultados heterogêneos. Padrões maternos negativos e fatores de risco na infância (baixa supervisão e criminalidade parental) aumentam o risco, enquanto envolvimento parental positivo atua como fator protetor.	Revisão limitada a 8 estudos; heterogeneidade metodológica; não permite variação nos instrumentos utilizados nos estudos originis.
29	Schimmenti et al. 2014	Itália	139	Transversal	PCL-R (Psychopathy Checklist-Revised, Hare, 2003); entrevistas não padronizada.	Traços de psicopatia estão associados a experiências de vinculação na infância, representações atuais de vinculação e estilo de vinculação.	Itens do PCL-R relacionados com desvalorização dos vínculos afetivos preveem os escores totais, fatores e facetas. Os participantes com escores mais elevados relataram abuso severo na infância e sinais de vinculação desorganizada, sugerindo que a exploração das relações de vinculação passadas e presentes é crucial para compreender comportamento violento.	Amostra restrita a infratores violentos; análise qualitativa apenas dos 10 com maiores escores; transversal.
30	Stylianou et al., 2019	Chipre	150	Longitudinal	Inventory of Parents and Peers Attachment (IPPA), Bullying and Victimization Questionnaire-Revised, Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI), Delinquency Scale	Traços psicopáticos associam-se à delinquência através de Bullying/vitimização, não se verificando efeito direto da vinculação.	Traços psicopáticos associam-se à maior delinquência, com efeito mediado por Bullying e vitimização. A qualidade da vinculação não mostrou associação significativa, sugerindo que os traços psicopáticos não determinam, por si só, a delinquência quando existem intervenções adequadas	Amostra pequena de estudantes.

Vinculação e Psicopatia: Uma Revisão Sistemática

31	Torres, 2019	Portugal	308	Transversal	Experiências nas Relações Próximas (ECR); Escala de Vinculação do Adulto (EVA); Escala de Autoavaliação de Psicopatia (SRP-III); Inventário dos Cinco Fatores NEO (NEO-FFI)	Associação entre traços psicopáticos e personalidade (Cinco Grandes Fatores), sexo e idade.	Dimensões da vinculação mostraram relações fracas com a psicopatia; a personalidade revelou-se mais determinante, com associações específicas com traços psicopáticos; o sexo influenciou as interações entre as variáveis.	Distribuição não homogênea por idade e sexo;
32	van Beeck et al., 2024	Países Baixos	2023	Transversal	E-LSRP, ASQ	Trauma infantil associado à psicopatia (<i>Egocentricity, Callousness, Antisocial</i>) e à vinculação insegura.	Dimensões de vinculação insegura (<i>Relationships as Secondary, Preoccupation with Relationships, Need for Approval</i>) mediarão parcialmente a relação entre trauma infantil e psicopatia.	Amostra não clínica; transversal; instrumentos de autorrelato.
33	Van den Berg & Oei, 2009	Países Baixos	-	Revisão tradicional da literatura	-	O estudo foca-se na relação entre estilo de vinculação, severidade da psicopatia, percepção da relação terapêutica e a disponibilidade do terapeuta. Pacientes com pontuações altas no PCL-R apresentam padrões de vinculação insegura (desorganizada), menor percepção da relação terapêutica e tendem a perceber o terapeuta como menos disponível, enquanto os pacientes com pontuações mais baixas tendem a apresentar vinculação mais segura e uma melhor percepção da relação terapêutica.	O estudo sugere que os indivíduos com níveis mais elevados de psicopatia (PCL-R) poderão perceber-se como tendo vinculação segura, enquanto são avaliados pelos terapeutas como inseguros. Estes resultados apontam para um possível défice de sensibilidade interpessoal associado à psicopatia severa. O estudo também destaca a importância da teoria da vinculação e da mentalização na compreensão dinâmica da psicopatia.	Não apresenta resultados empíricos; foco exclusivo em contexto forense; abordagem predominantemente teórica; ausência de dados quantitativos publicados.

Vinculação e Psicopatia: Uma Revisão Sistemática

34	Venables et al., 2014	EUA	157 e 169	Transversal comparativo	PCL-R	Facetas da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> , <i>disinhibition</i>	<i>Boldness</i> contribui incrementalmente para prever psicopatia (PCL-R), especialmente no que diz respeito ao estilo interpessoal, mas não para PPA. As facetas da psicopatia mostram-se distintas, sendo que <i>boldness</i> permite diferenciar psicopatia de PPA.	Amostra restrita a homens reclusos; estudo transversal.
35	Yan & Chen, 2023	EUA	1149	Longitudinal	Strange Situation Procedure; Inventory of Youth Psychopathy Traits.	O estudo identificou que crianças com estilo de vinculação inseguro evitante na infância tendem a apresentar níveis mais elevados de traços psicopáticos afetivos, incluindo ausência de remorso, frieza emocional e insensibilidade na adolescência.	A vinculação insegura/ evitante aos 12 meses associou-se a níveis mais elevados de ausência de remorso, frieza emocional e insensibilidade aos 15 anos, mesmo após controle de variáveis demográficas e temperamento infantil	Amostra comunitária (não clínica); foco apenas nos traços afetivos; ausência de diagnóstico formal de psicopatia ou PPA; possíveis variáveis mediadoras não exploradas.